



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACED – FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**JACI EVANGELISTA MOREIRA**

**O DESENVOLVIMENTO DA MORAL NAS PERSPECTIVAS DA  
FAMÍLIA E DA ESCOLA INFANTIL: PONTOS E CONTRAPONTO  
REFLETIDOS NA CONDUTA DA CRIANÇA.**

Salvador  
2016

**JACI EVANGELISTA MOREIRA**

**O DESENVOLVIMENTO DA MORAL NAS PERSPECTIVAS DA  
FAMÍLIA E DA ESCOLA INFANTIL: PONTOS E CONTRAPONTO  
REFLETIDOS NA CONDUTA DA CRIANÇA.**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil do programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Bahia como pré-requisito para obtenção do grau de Especialista em docência na Educação Infantil.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Elisa Pacheco de Oliveira Silva

Salvador  
2016

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado força, sabedoria e perseverança para conclusão deste curso.

A todas as colegas e professoras do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil que acreditaram e contribuíram, mesmo que indiretamente, para a conclusão deste curso, especialmente as minhas colegas Sheila, Denise Costa e Gersa Silva e a Professora Neuza Paim pelo incentivo e credibilidade em meu potencial.

Aos meus pais Anelita Pereira Evangelista e João de Oliveira Moreira pelo amor incondicional e pela paciência. Por terem me apoiado em meus estudos, serei imensamente grata.

Ao meu esposo e amado Leno Araújo Luz, por compreender a importância dessa conquista e aceitar junto com minha pequena Beatriz Luz a minha ausência quando foi necessário.

A minha orientadora Maria Elisa Pacheco, pelo empenho, paciência e credibilidade, obrigada por tudo.

A todos os amigos e colegas de profissão que acreditaram na conclusão deste curso, fico muito grata.

## **RESUMO**

O presente trabalho monográfico trata do desenvolvimento moral das crianças de 4 e 5 anos no contexto da Educação Infantil partindo do pressuposto de que as crianças percebem e dão sentido as regras e valores que vivenciam nas instituições família e escola. Teve como objetivo a analisar as expressões de moralidade das crianças da educação infantil diante dos princípios morais da docência e da família. Abrangendo conceitos da moralidade e sua relação com afetividade, tendo como fonte teórica Jean Piaget e Yves de La Taille para auxiliar a compreender e interpretar desenvolvimento da moral na infância e para tratar da interação social com a família os estudos realizados por Inez Gomide. A metodologia escolhida para realização desta pesquisa foi a abordagem qualitativa no viés da etnopesquisa, na qual foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas e observações na sala de aula.

Palavras-chave: Moral. Educação Infantil. Família. Escola. Desenvolvimento

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2</b>	<b>O DESENVOLVIMENTO DA MORAL.....</b>	<b>9</b>
<b>3</b>	<b>ESPAÇOS DO SABER MORAL.....</b>	<b>12</b>
3.1	FAMÍLIA.....	12
3.2	ESCOLA.....	15
3.3	A FORMAÇÃO MORAL, FAMÍLIA E ESCOLA E SEUS CONTEXTO.....	17
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>19</b>
4.1	CAMPO EMPÍRICO.....	20
4.2	SUJEITOS DA PESQUISA.....	21
4.3	PROCEDIMENTOS DA PESQUISA.....	22
<b>5</b>	<b>ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>25</b>
5.1	EXPRESSÕES MORAIS DAS CRIANÇAS COINCIDENTES COM AS REGRAS DA ESCOLA E DA FAMÍLIA .....	25
5.1.1	<b>Vergonha.....</b>	26
5.1.2	<b>Obediência.....</b>	27
5.1.3	<b>Necessidade de Sanção.....</b>	28
5.2	EXPRESSÕES MORAIS DAS CRIANÇAS NÃO COINCIDENTES COM AS REGRAS DA ESCOLA E DA FAMÍLIA.....	29
5.2.1	<b>Trapaça.....</b>	29
5.2.2	<b>Ausência de Culpa.....</b>	31
5.2.3	<b>Desafio à Autoridade.....</b>	34
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>37</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>41</b>
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>40</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A discussão a respeito do desenvolvimento moral na Educação Infantil, tem tido a atenção de estudiosos e profissionais da área de educação, como também de educadores em formação, no qual se levanta questionamentos acerca do desenvolvimento e formação moral da criança em relação a família e a escola.

Piereti (2010) ao pesquisar sobre o desenvolvimento moralidade no ambiente escolar com crianças de 5 a 10 anos, percebeu a importância que professor e a escola tem no desenvolvimento moral das crianças, vez que o espaço escolar oportuniza às crianças situações de análise e reflexão que favorecem a aprendizagem da moral efetiva.

No entanto, outros autores ao discutirem o desenvolvimento moral na Educação Infantil trazem à tona a relação família e escola permeada por conflitos que não favorece a formação moral das crianças. Araújo e Sperb (2009) ao investigarem sobre as representações que mães e professoras têm sobre os limites no desenvolvimento infantil numa escola particular da cidade de Porto Alegre, perceberam que apesar de ambas considerarem a imposição de limites como fronteira a ser respeitada em prol da construção da moralidade, mães e professoras compartilham muitas dúvidas e culpas no tocante aos limites a serem impostos às crianças, sendo que professoras atribuem a responsabilidade da falta de limites às famílias, e as mães não percebem a escola como uma aliada no processo de construção de limites.

Em pesquisa sobre o papel que o educador tem sido convocado a ocupar na Educação Infantil, Pereira (2012) buscou compreender através da escuta de pais e professores as concepções do papel do educador de educação infantil, os resultados revelaram que os professores se sentem solitários na tarefa de educar diante de tantas atribuições e principalmente no que se refere ao estabelecimento de limites visto que a família não está conseguindo exercer algumas de suas funções parentais. Igualmente, Oliveira e Araújo (2010) em uma pesquisa bibliográfica sobre família, escola e educação moral, concluiu que a formação moral na educação infantil é tecida

num campo conflituoso entre família e escola na qual a escola argumenta que a família não impõe limites às crianças e a família implicitamente delega essa tarefa à escola.

Caria (2014) pesquisou com educadores e pais de crianças da Educação Infantil as causas que levam à indisciplina escolar, e concluiu que os pais possuem nítida concepção que as regras e limites são essenciais ao desenvolvimento social da criança, no entanto, sentem dificuldade em educar os filhos e também manifesta recusa em receber auxílio no que concerne à educação das crianças.

Por outro lado, Moreno (2012) ao investigar sobre a relação professor-escola família na educação da criança de 4 a 6 anos em escola de rede privada e pública a autora revela que a escola tem dificuldade para lidar com os desencontros de ideias e de aceitar opiniões diferentes daquelas sustentadas pela instituição, além disso, apresenta dificuldades em lidar com a ausência, despreparo e os novos arranjos das famílias e suas problemáticas, além da desvalorização do trabalho da professora da educação infantil.

Apesar de compactuar com os autores mencionados até aqui, os resultados das pesquisas não tratam do objeto deste estudo tal qual é o nosso interesse, a saber, quais são as expressões da criança tendo em vista a formação moral que é desenvolvida pela escola e pela família. Delineando-se o seguinte problema: Quais as expressões de moralidade da criança segundo os princípios morais da docência e da família?

A fim de responder tal questionamento este estudo apresenta como objetivo geral: Analisar as expressões de moralidade das crianças diante dos princípios morais da escola e da família. E como seus objetivos específicos: Investigar as práticas de intervenção em prol da construção da moralidade da família junto aos docentes; Investigar a construção da moralidade através das expressões das crianças na sala de aula.

Esse questionamento surge diante dos constantes casos de indisciplina na Educação Infantil, bem como do constante fracasso das estratégias utilizadas com vistas que as crianças sigam as regras estabelecidas pela escola. Na sala de aula, a interação de crianças que apresentam comportamento indisciplinado se dá mediante conflitos e intensiva mediação do educador e tal comportamento rompe com as regras de convívio estabelecidos em grupo, bem como, incita a imitação dos demais colegas prejudicando o desenvolvimento das atividades pedagógicas.

Outro aspecto importante e que corrobora com o comportamento indisciplinado das crianças é a frágil e pobre interação entre família-escola. Os pais são ausentes e algumas ao serem noticiados acerca do mau comportamento das crianças se mostram apáticos e habituados a esse tipo de comportamento.



## 2 DESENVOLVIMENTO MORAL

Segundo La Taille(1992) a moral corresponde a regras e deveres que asseguram a regulação da convivência na sociedade, para eleo cerne da moralidade se materializa no respeito que os indivíduos adquirem por estas regras.(PIAGET *apud* LA TAILLE, 1992, p.49), eesse respeito as regras é o que sinaliza o início do desenvolvimento moral.Segundo Piaget (1992) o primeiro contato da criança com as questões morais dá a partirda aprendizagem dos deveres morais impostos pelos pais, à medida que se desenvolve cognitivamente e fisicamente , o repertório de interações e vivências se amplia, permitindo à criança a experiência com as regras dos mais diferentes contextos e ainda aquelas necessárias ao convívio social, logo as relações, interações e vivências que forem tecidas durante essa fase irão nortear de forma substancial a formação moral da criança.

A formação da moral infantil foi dividida em três etapas : anomia, heteronomia e autonomia (PIAGET, 1992), sendo a primeira caracterizada pela ausência de regras e pelo egocentrismo infantil, a heteronomia pela obediência as regras dadas por outras pessoas, e a autonomia onde a criança tem a capacidade de autoregulação. Tendo em vista a faixa etária das crianças participante deste trabalho, iremos nos limitar a explanar sobre a fase da heteronomia.

A heteronomia se dá entre os 4 ou 5 anos e marca o surgimento do senso moral (LA TAILLE, 2009) período em que a criança começa compreender de forma consciente sobre as coisas que podem ou não ser feitas.Nesta etapa, as relações sociais são marcadas pelo respeito unilateral (PIAGET *apud* SOUZA, p.97) assim, as normas e regras são estabelecidas pela figura de autoridade e à criança cabe apenas segui-las, o que por sua vez, a torna isenta de qualquer responsabilidade. Contudo, as regras morais são cumpridas pela criança nessa faixa etária, não pelo desejo ou entendimento em cumpri-las, mas, pelo respeito a quem impõe as regras. É que esse respeito as normas que impulsiona o cumprimento às regras é engendrado pelo amor e medo a figura da autoridade (PIAGET, 1992),esses sentimentos se manifestam quando a criança teme perder o amor do adulto ou ser

punida caso transgrida uma regra. Somado a isso a criança obedece pelo vínculo afetivo e pela necessidade de agradar a figura de referência moral que a priori é assumida pelos pais. Por esta razão, Piaget chama atenção para intrínseca articulação entre o desenvolvimento moral, a afetividade, o desenvolvimento cognitivo e social.

La Taille (2007) também trata da importância da relação afetividade – formação moral, além do amor e medo pela figura da autoridade, o autor traz a tona outros sentimentos considerados como substanciais ao desenvolvimento moral vez que despertam o senso moral na criança: o amor, o medo, a confiança, a culpa, a simpatia e a indignação. Para o teórico esses sentimentos são como, [...] “‘cimento’ afetivo que une a criança às pessoas de seu entorno social, cimento sem o qual ficaria difícil conceber o despertar do senso moral” (LA TAILLE, p.108, 2007).

O sentimento de confiança estabelecido numa relação desperta na criança a vontade de também ser confiável, esse sentimento também está relacionado com o amor e amizade amor nutrido em relação a figura de autoridade. A simpatia, segundo La Taille (2006) é a capacidade de se sensibilizar com estado afetivo do outro, a criança deixa-se comover pelo sentimento alheio. Esse sentimento abre caminhos para o comportamento moral vez que, pois motiva a ação moral independentemente de haver uma regra de justiça imposta pela autoridade (LA TAILLE, 2007).

A indignação corresponde a comoção diante do não cumprimento das regras morais ou de que um direito foi desrespeitado, demonstrando indignação a criança demonstra que compreende as regras e valoriza seu cumprimento. Do ponto de vista do desenvolvimento moral a criança indica avanços quando consegue se comover diante das injustiças relacionadas aos direitos dos outros.

A culpa se configura como uma avaliação negativa, que envolve pesar, tensão e arrependimento pela má ação cometida juntamente com o desejo em repará-la. Diante da possibilidade de experimentar novamente esse sentimento, o indivíduo poderá evitar transgredir uma norma, o que torna o sentimento de culpa um regulador moral, pois induz ao querer agir moralmente.

Embora não apontado no parágrafo anterior, La Taille traz o sentimento de vergonha que assim como o sentimento de culpa, assume o papel de regulador moral, a vergonha permite que o indivíduo se perceba como objeto do olhar, da escuta e do pensamento do outro, a partir de uma perspectiva negativa. Ao buscar sempre pela boa imagem de si perante os outros, o indivíduo teme sofrer um julgamento negativo e isto, acaba por regular sua conduta. Enquanto a culpa se manifesta pelo crivo do autojulgamento, a vergonha perpassa pelo julgamento externo. Segundo o teórico, a ausência desse sentimento, causa no indivíduo o desprezo ao juízo emitido pelos outros, o que por sua vez não permite que se sintaculpado ao transgredir uma regra.

Esses sentimentos tecerão o fio condutor para a construção do patrimônio moral, construção essa, iniciada nos primeiros anos de vida, deste patrimônio fazem parte a capacidade de julgar por conta própria e aquisição de um conjunto de valores morais que colaboram para uma vida social saudável. São a partir das experiências cotidianas somadas às regras estabelecidas pelo grupo que esses sentimentos serão despertados nas crianças e as conduzirão ao desenvolvimento moral, indicando as condutas que elas devem ou não assumir. Nesse sentido, La Taille (1996) chama atenção para a importância de a criança experimentar relações sociais de qualidade, que viabilizem a experimentação com esses sentimentos. Isso convoca a existência de um ambiente interativo com as questões morais na medida em que oportunize desenvolvimento do senso moral da criança, através da reflexão sobre os conflitos e do exemplo através da postura adotada pela figura de autoridade diante desses conflitos.

### **3 ESPAÇOS DO SABER MORAL**

A função de formar moralmente a criança perpassa pelo tripé formado pela família, sociedade e escola. Logo, consideramos que a educação moral é de responsabilidade da sociedade como um todo e, pode ocorrer nos mais variados contextos, pela televisão nos espaços religiosos, esportivos, etc. no entanto, ao se tratar da formação moral na infância, a família e escola se apresentam como instancias que carregam maior responsabilidade por esta formação, já que correspondem aos primeiros espaços de socialização dos quais a criança participa e também porque oferecem uma diversidade de cenários favoráveis à análise e reflexões que proporcionam o desenvolvimento moral

### **3.1 FAMÍLIA**

A família é o primeiro espaço social do qual o indivíduo participa, a ela cabe o cuidado, proteção e o bem estar além da transmissão de valores, crenças, leis e regras. Portanto, assume papel substancial na sociedade e especialmente na vida das crianças que tem sua relação com o mundo mediada por esta instituição. Além do provimento material, alimentação e cuidado, o papel da família consiste também em transmitir valores culturais de diversas naturezas entre ela a moral.

A família tradicionalmente composta pelo pai, mãe e filhos, tem passado por novas configurações. Diferentes formas de organização e constituição familiar marcam a contemporaneidade, mães sozinhas com filhos, avós com netos, união de pessoas do mesmo sexo, união com pessoas de outras relações, etc. além das configurações que não são definidas pelos laços consanguíneos mas também pelo significado das interações e relações entre as pessoas, o que por sua vez não interfere na relevância dessa instituição para sociedade.

Essa nova estrutura familiar, possibilita a criança estar em diferentes contexto familiares sob diferentes princípios morais, dando a ela inúmeras as possibilidades de repertórios que poderão ser incorporados ao seu comportamento.

Gomide (2004) destaca que a família, ainda é o lugar privilegiado para a promoção da educação infantil, se comparada à escola, a dinâmica familiar é muito

mais poderosa por exercer forte influencia comportamental na vida da criança. É neste ambiente que a criança aprende a fazer as escolhas e a seguir regras segundo os princípios, convicções e crenças da instituição, além disso, o comportamento moral dos genitores e/ou do responsável transmite valores e virtudes que inibem o comportamento antissocial. Assim sendo, o desenvolvimento do senso moral depende em grande parte da educação familiar que a criança recebeu.

O comportamento moral como prática educativa é entendido (...) como o processo de modelagem de papéis sociais no que se relaciona principalmente à transmissão de normas e valores mediante modelo fornecido pelos pais. Ao interagirem com seus filhos de maneira afetuosa e empática, ao explicitarem sua opinião, aprovação ou desaprovação das situações vividas por eles próprios, pelos filhos ou por outras pessoas, ao responsabilizarem-se e repararem um dano causado a alguém, os pais estarão oferecendo modelos de valores esperados no ambiente familiar e que serão generalizados em outras circunstâncias. (GOMIDE 2001, 2004 *apud* PROST e GOMIDE p. 55)

Para Gomide (2004) a imposição de regras é uma das estratégias mais utilizadas com intuito de fazer com que a criança estabeleça um relacionamento adequado no grupo familiar, seguindo os hábitos, condutas de acordo com os valores cultivados por ela. No entanto, além das regras outras estratégias voltadas para a educação moral são utilizadas, entre elas o diálogo, punições corporais, castigos restritivos e recompensas.

No que tange as práticas educativas coercitivas, Piaget (1994) pontua que apesar de necessário no início da educação moral, o método coercitivo não pode ser a única via da educação moral, para o teórico as relações de coação não colaboram para o desenvolvimento intelectual já que a formação baseada nesse tipo de conduta, reforça o egocentrismo e assim atrapalha a criança em se colocar no lugar do outro. A imposição das formas de pensar e de agir que caracteriza a coação moral, não oportuniza a criança a reflexão sobre as experiências vivenciadas logo, não permite que ela vivencie sentimentos morais uma vez que, terá sempre suas ações norteadas por uma relação de obrigatoriedade as regras além de adotar um modelo comportamental no qual a interação com o outro diante de um conflito será mediada pelo comportamento violento.

Em relação as regras, a postura da família diante da criança é tão educativa quanto à imposição regras. Para Gomide (2004) chama atenção para situações em que os próprios pais e/ou responsáveis são os primeiros a descumprirem as regras que eles mesmos estabelecem, repetitivos descumprimento das regras estabelecidas pela própria figura de autoridade, pode fazer com que a criança entendam que as regras não são para serem cumpridas, que a autoridade (pais ou professores) pode ser desrespeitada. Para La Taille (2007),

(...) as crianças são muito observadoras e que não é raro vê-las questionarem os pais e demais educadores a respeito da coerência entre o que eles dizem e fazem. Se fazem tais questionamentos não é apenas porque foram capazes de notar incoerências, mas também e sobretudo porque tais incoerências as inquietam. Essa inquietação provem, por um lado, da vontade de compreender melhor as regras impostas, e, por outro, da vontade de saber se são, de fato, obrigações validas para todos. E nesse segundo aspecto que se encontra a dimensão da confiança: se a criança percebe que as regras impostas não são seguidas pelos adultos, ela se sente enganada e injustiçada por ser obrigada a segui-las. (LA TAILLE, 2007, p.113)

Quando há falhas na formação moral no âmbito familiar, a criança quando inserida em outros espaços reproduzirá os comportamentos que aprendeu no contexto familiar o que poderá tornar conflituosa sua adaptação a novos contextos, nas suas relações com seus pares e ainda dificuldades em acatar as normas por não respeitar as figuras de autoridade.

Diante do exposto, percebemos que embora a família seja a primeira instância responsável pela formação moral, nem sempre consegue cumprir esta função, seja pelas falhas apontadas nos parágrafos anteriores ou mesmo por outras questões tais como: negligência, conflitos familiares, ausência de um relacionamento afetivo com os pais, permissividade, falta de autoridade, etc que não nos cabe aqui explanar. La Taille (2007) chama atenção para a potencialidade que toda criança apresenta para o despertar do senso moral, porém isso demanda a vivência da criança com relações de qualidade. A criança que ao longo de sua infância não pode contar com uma figura referência da moral ou ainda ter em suas vivências relações

parentais com pessoas as quais ela não estabeleça relação de confiança necessita encontrar em outros espaços tais referências.

Assim, cabe a escola, ao docente viabilizar aprendizagens, experiências e até se assumir como figura de referência moral com vistas a promover o desenvolvimento moral.

### **3.2 ESCOLA**

Enquanto na família a criança vivencia questões morais inerentes aos valores e crenças peculiares a cada família, na escola, ela amplia seus relacionamentos ao interagir com diversas culturas, formas de agir, princípios, etc. Nessa mudança, a criança terá que aprender a conviver com as regras que buscam o bem estar coletivo sem priorizar o seu bem estar individual como ocorre no espaço familiar.

Outrossim, o espaço escolar também oportuniza a criança a estar em convívio com outras crianças, e nessa relação inicia um processo de acordos, negociações entre elas, com vistas a gerir essa relação de forma harmônica. A criança que antes respeitava as regras somente mediante o respeito a figura de autoridade paulatinamente, passa a respeitar também seus pares bem como as regras estabelecidas em grupo, objetivando ser bem aceita por eles e se manter inserida e bem aceita no grupo social ainda que algumas vezes a mediação do educador seja necessária.

A criança sabe que se mentir aos pais será castigada, mas a relação familiar será mantida. Ora, suas experiências com colegas da mesma idade costumam ser mais cruéis do que o simples castigo. Se mentir, será a própria relação de amizade ou camaradagem que estará em jogo, podendo ser rompida - e ser marginalizado de um grupo tem efeitos muito mais sensíveis do que uma sanção expiatória. É por essa razão que se pode dizer que as relações entre crianças são constituintes e dependem, assim, do exercício da cooperação para serem constituídas. (LA TAILLE, p.77)

Nesse sentido, a relação da criança com o grupo e a mediação dessas interações pelo educador engendram um cenário que é simultaneamente fértil e complexo para o desenvolvimento moral. As interações grupais sugerem conflitos, que são comuns na Educação Infantil, geralmente dizem respeito ao

desrespeito as regras, descontentamento, disputa por um objeto, agressividade, etc. são situações como estas que irão possibilitar gradativamente as crianças a assimilação das regras e normas escolares bem como aprendizagem de valores, isso requer do educador uma mediação de qualidade, que oportunize a aprendizagem bem como aponte caminhos para a construção da autonomia infantil diante dessas situações de tensão na Educação Infantil.

Nem a autoridade do professor e nem as melhores lições que ele possa dar sobre o assunto serão o bastante para determinar essas relações intensas, fundamentadas na autonomia e reciprocidade. Unicamente a vida social entre os próprios alunos, isto é um autogoverno levado tão longe quanto possível e paralelo ao trabalho intelectual em comum, poderá conduzir a este duplo desenvolvimento de personalidades donas de si mesmas e de seu respeito mútuo (PIAGET, 2007, p.63).

Outro aspecto importante, é a capacidade do educador em reconhecer as características morais das crianças de 4 e 5 anos, tais como o egocentrismo e o realismo moral, Piaget (1994) chama de realismo moral a forma como as crianças percebem os deveres e valores como invariáveis independente das circunstâncias e entende o egocentrismo como fase na qual a criança está centrada em si mesma, e não consegue se colocar, abstratamente, no lugar do outro. Ciente das fases do desenvolvimento moral e das características inerentes a elas, o educador poderá refletir sobre a sua prática pedagógica, avaliar o desenvolvimento moral das crianças, fazendo intervenções e mudanças pertinentes e coerentes com a real necessidade da criança., e por fim e o mais importante, desenvolver atividades que possibilitem a criança a refletir diante das interações e mediá-las de maneira que ela seja a protagonista do seu desenvolvimento.

Propiciar a interação quer dizer, portanto, considerar que as diferentes formas de sentir, expressar e comunicar a realidade pelas crianças resultam em respostas diversas que são trocadas entre elas e que garantem parte significativa de suas aprendizagens. Uma das formas de propiciar essa troca é a socialização de suas descobertas, quando o professor organiza as situações para que as crianças compartilhem seus percursos individuais na elaboração dos diferentes trabalhos realizados. Portanto, é importante frisar que as crianças se desenvolvem em situações de interação social, nas quais conflitos e negociação de sentimentos, idéias e soluções são elementos indispensáveis. (RCNEI, 1998, p.31)

### **3.3A MORAL, A FAMÍLIA , A ESCOLA E SEUS CONTEXTOS**



Diante do que foi exposto até aqui, fica claro que família e escola são importantes instâncias para o desenvolvimento moral. Pais e educadores ocupam o mesmo lugar nessa tarefa, lugar de autoridade moral, embora utilizem diferentes meios para tecer essa educação os objetivos são os mesmos. Ao ingressarem no espaço escolar as crianças paulatinamente começam a diferenciar os comportamentos que são próprios da escola e da família. Logo, passam a entender também a forma como cada instituição conduz a educação moral e as características da figura da autoridade de cada espaço.

Ora, a distinção entre as duas autoridades morais em questão, está na forma como estas são apresentadas a criança, enquanto os procedimentos educativos utilizados pelo educador para impor sua autoridade perpassam pelo diálogo, regulação das ações, punições restritivas e objetiva aflorar os sentimentos morais como vergonha e culpa. Na família, essa autoridade se afirma através do diálogo, imposição de limites, além de disciplina severa, geralmente acompanhada de punições físicas e visa inibir comportamentos indesejáveis.

É importante ressaltar, que apesar de pontuarmos aqui a influência da família e escola sobre a formação das crianças, estas não devem ser vistas como passivas e meras receptoras desta educação, e sim como um membro de um grupo social que também contribui, interage, modifica e é modificado pela sociedade. Sendo assim, acreditamos que haja uma ressignificação da moral por parte da criança, diante das diferentes práticas educativas das autoridades morais da família e escola.

[...] se dá à visibilidade, neste processo, é que as crianças são competentes e têm capacidade de formularem interpretação da sociedade, dos outros e de si próprios, da natureza, dos pensamentos e dos sentimentos, de o fazerem de modo distinto e de o usarem para lidar com tudo que as rodeia. (SARMENTO, 2005, p.373)

Destarte, o que se apresenta aqui é que para entendermos a interpretação da criança sobre o mundo moral que a cerca, é necessário ainda levar em consideração as condições sociais em que ela está inserida e as formas como escola e família conduzem a formação moral. É importante destacar, que La Taille (2005) aponta que em seus trabalhos Piaget não faz referência aos aspectos

culturais e concebe que o desenvolvimento cognitivo e moral ocorre independente das diferenças culturais. Cada família assim como cada escola atuam de acordo com seus valores e segundo uma cultura, não faz sentido analisar o comportamento moral de uma criança sem antes entender como a família cria as suas próprias regras de acordo com a sua cultura. Sarmento (2005) defende são aspectos culturais tais como: a classe social, religião, etnia, gênero, que realçam a diversidade infantil e ao mesmo tempo fornece diferentes lentes para que entendamos as diferentes expressões de moralidade da criança. Por esta razão, nos capítulos serão dedicados a explanação da metodologia e apresentação dos sujeitos dessa pesquisa.

#### **4 METODOLOGIA**

A intenção de compreender as expressões de moralidade das crianças diante dos princípios da família e escola conduziu a escolha da abordagem qualitativa por ser compreendida como uma investigação que tem como finalidade perceber os sujeitos, seus motivos, aspirações, crenças, valores e como experimentam e interpretam sua realidade. A pesquisa qualitativa se preocupa com aspectos que não podem ser quantificados pois trata-se de relações sociais e por isso não visa estabelecer relação aos números. Como afirma MINAYO (2001),

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2001, P.117)

Esta pesquisa tem como fonte de inspiração a etnopesquisa crítica e formativa que segundo Cabral & Silva (2003) é uma pesquisa de natureza qualitativa que busca traduzir a realidade humana tal qual como é vivida pelos atores sociais em todas as perspectivas possíveis assim, pode-se entender que tanto pesquisador e pesquisado são sujeitos ativos durante o processo da pesquisa. Como propõem a etnopesquisa, investigamos o ambiente onde fenômeno se apresentava, colhendo os dados de forma fiel, acolhedora e respeitosa, validando todos os sujeitos do processo, buscando na prática da etnopesquisa constitutiva e reflexiva a compreensão não pelo que estava posto, instituído e sim pelos processos que produzem a realidade apresentada (MACEDO, 2004)

#### **4.1 CAMPO EMPÍRICO**

O campo de pesquisa foi uma Unidade de ensino da rede municipal de Salvador-Ba que Trata-se de uma Escola Municipal da Rede de Ensino de Salvador, situado no bairro da periferia de Salvador. A Unidade foi escolhida por possuir classes de educação infantil há mais de dez anos, tendo acompanhado assim os avanços e mudanças conquistadas pelas lutas a favor da Infância e da Educação Infantil em nosso país.

A Escola possui uma infra-estrutura classificada pela Secretaria Municipal de Educação como escola de grande porte especial. Atende em média de 800 educandos, alguns em tempo integral através do Programa Mais Educação, A maioria da sua clientela são alunos da Educação Fundamental e tem um público de aproximadamente 80 crianças de 4 e 5 anos matriculadas nas quatro turmas de Educação Infantil. Composta de 02 pavimentos, dispõe de 14 salas de aula, 01 laboratório de informática, 01 biblioteca, 01 sala de direção, 01 sala de vice-direção, 01 secretaria, 01 sala de Atendimento Especializado, 02 conjuntos de sanitários, 01 cantina e 01 área coberta utilizada como refeitório e área de recreação. Seu quadro funcional compõe-se de 01 diretor, 02 vice-diretores, 01 secretária, 01 coordenador pedagógico, 02 auxiliares administrativos, além de 03 vigilantes, 06 funcionários terceirizados de apoio e a equipe docente é formada por 23 professores , sendo três contratados, dois estagiários e dezoito efetivos concursados dos quais quatro estão em restrição funcional, três atuam na educação infantil, três são de área específica (inglês, música e teatro) e oito atuam na educação fundamental ..

## 4.2 SUJEITOS DA PESQUISA

Participaram dessa pesquisa duas professoras com idades entre 30 a 45 anos, uma atuante na educação infantil há mais de três anos e a outra recém concursada sem experiência na área da educação, ambas possuem formação em pedagogia sendo que apenas uma tem curso de pós-graduação. As professoras trabalham em regência compartilhada da mesma turma, nesta divisão, a primeira regente possui maior carga horária, quatorze horas na sala e a segunda regente possui carga horária de seis horas semanais na turma.

Além das educadoras, também participaram da pesquisa três pessoas que estabeleciam vínculos parentais com as crianças sendo uma genitora, uma avó paterna e uma mãe de criação. Das três duas se consideram donas de casa e uma trabalha fora. Além das crianças do Grupo 5 que participaram da pesquisa a partir das observações feitas.

A escolha dos sujeitos baseou-se no grau de influência que estariam sobre a formação moral das crianças. Os sujeitos foram solícitos apesar das dificuldades para conciliar o tempo das entrevistas. Nenhum deles nos pareceu incomodado com as observações e/ou entrevista realizada. No que diz respeito a escolha da turma da Educação Infantil, foram eleitas crianças na faixa etária de 5 anos e 11 meses pelo fato desta pesquisa focalizar o desenvolvimento moral e as questões relacionadas a esta formação, portanto justifica-se a participação dessas crianças por estas se encontrarem justamente na fase do desenvolvimento moral – heteronomia, sobre o qual este trabalho está debruçado.

A fim de preservar a identidade decidimos preservar os nomes dos sujeitos pesquisados, para tanto serão denominados de outra forma, seus nomes foram codificados com letras, onde P1 refere-se a professor primeiro regente, P2 a professor segundo regente, Família 1, 2 e 3.

#### 4.3 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

Para o levantamento documental o primeiro passo foi a pesquisa em bibliografias publicadas sobre a infância, formação da moral infantil, família, escola e moralidade , entre outras obras que servissem como referência para análise dos dados com vistas a saber em que ponto se encontra os estudos acerca desse tema bem como se há pesquisas sobre o objeto deste trabalho, portanto concordamos quando Neto afirma que “ a pesquisa bibliográfica coloca frente a frente os desejos do pesquisador e os autores envolvidos em seu horizonte de interesse” (apud, Minayo,1994, p.53)

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa o instrumento escolhido para a coleta de dados foi à entrevista semi-estruturada, Minayo (op.cit) defende este tipo de instrumento como importante componente na realização da pesquisa qualitativa, pois para ela através deste procedimento além de dados objetivos podemos obter tipo de dados que se relacionam aos valores, atitudes, e às opiniões dos sujeitos entrevistados. Além disso, também foram utilizados a observação e a escuta sensível tanto dos atores e vozes do cotidiano escolar , na tentativa de aproximar-se ao máximo das perspectivas dos sujeitos, partindo da maneira como estes viam e viviam o mundo ou, como explica Macedo (2004) , dos significados atribuídos por eles à realidade, bem como às suas ações.

As observações foram realizadas em uma turma do Grupo 5, onde são matriculados 25 crianças porém durante as observações média de crianças presentes era de 16 a 18. A observação buscou capturar cada fala, cada gesto, cada reação da criança diante das regras e das autoridades e princípios morais.

Realizar as entrevistas com as famílias, não foi fácil. Os pais apesar de convidados, não compareceram a escola. A estratégia utilizada por nós foi permanecer no portão esperando que um responsável surgisse, também não deu certo, muitas crianças são conduzidas para casa sob a responsabilidade de outras crianças maiores alunas da escola ou por vizinhos da criança. Assim, passamos a

esperar os responsáveis no momento de chegada, foi necessário convencê-los da importância da participação deles para o este trabalho. Nas entrevistas realizadas com as famílias percebemos nos entrevistados o cuidado em falar em punição principalmente em relação à punição física.

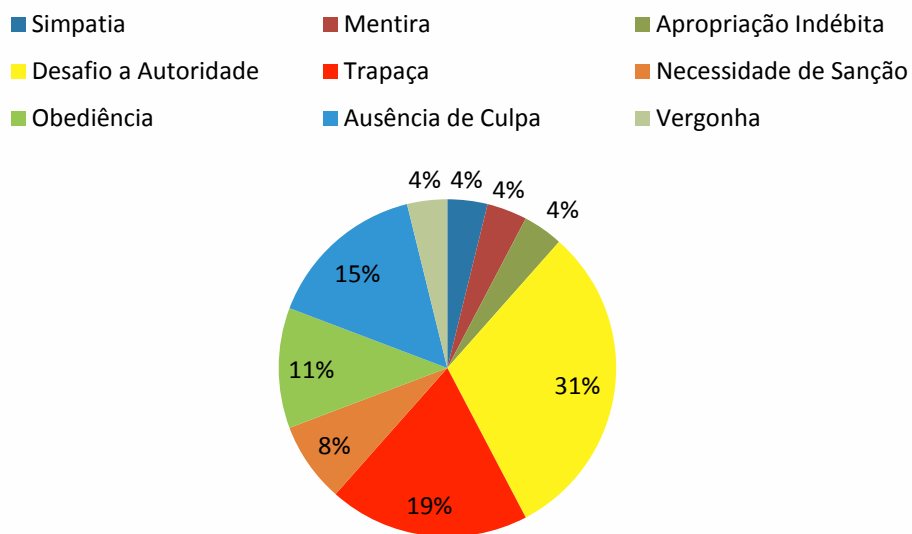
As informações sobre a constituição familiar oferecidas pelos pais à este trabalho revelam que há o predomínio da estrutura familiar não nuclear . Em todas as famílias entrevistadas as mulheres são as chefes da família além de assumir a responsabilidade pelo cuidado das crianças observadas. Foi possível também, constatar a transferência da responsabilidade da mãe pela criança para outras pessoas, em um caso a criança mora com a avó que é a responsável e cuidadora da criança , em outra situação a mãe entregou a criança à vizinha que por sua vez se assume como mãe da criança .sendo responsabilidade da genitora sanguínea prover recursos materiais para criança. A outra criança estuda em duas escolas em horários oposto porque a genitora é responsável por sustentar casa e precisa trabalhar o dia inteiro.

No que diz respeito as entrevistas realizadas com os docentes, percebemos uma preocupação em querer está correto nas suas respostas. Não obstante, nas observações da sala de aula, nos permitiu perceber para além do campo conceitual, logo as atitudes docentes, as falas espontâneas das crianças frente a situações da sala de aula foram importantes para contornar os caminhos dessa pesquisa. Não percebemos nenhuma inibição por parte dos educadores em relação às observações, em relação às crianças a rotina fluiu como se não houvesse uma pesquisadora naquele espaço.

A partir das observações feitas em sala de aula, foram identificados as expressões morais das crianças frente as situações que englobavam regras, atendimento a comanda do educador, acordo de convivência e outras episódios que demandavam atitudes morais das crianças. Assim, registramos 26 episódios em que ocorreu algum tipo de comportamento moral. As expressões das crianças foram categorizadas como: ausência de culpa, vergonha, desafio a autoridade, apropriação indébita, mentira, simpatia, obediência, trapaça e necessidade de sanção. Vimos a

necessidade de tabular essas expressões, tendo em vista que os dados obtidos irão nortear a análise deste trabalho. A esse respeito encontramos o seguinte quantitativo:

### Expressões Morais das Crianças



(FIGURA 1)

Embora os dados obtidos acima nos deem pistas para uma possível análise, estas ainda não levariam ao objeto dessa pesquisa que visa analisar as expressões das crianças diante das regras docentes e da família. Para tanto, após o registro dessas expressões buscamos relacioná-las com as regras reveladas pela família e pela escola através das observações e das entrevistas, são elas: como não agredir verbal e fisicamente o colega, não gritar, não correr na sala, manter a sala limpa, organizada, fazer as atividades propostas, não se apropriar de bens alheios, respeitar e não desobedecer a figura de autoridade, bem como pedir autorização para determinadas atividades, etc. Assim, agrupamos as expressões das crianças como coincidentes ou não coincidentes com as regras docentes e da família.



## **5 ANÁLISE DOS DADOS**

**Nem isso nem aquilo: “o olhar” da criança para a moral da família e da escola.**

### **5.1 EXPRESSÕES MORAIS DA CRIANÇA COINCIDENTES COM AS REGRAS DA ESCOLA.**

Segundo La Taille (2006), o desenvolvimento da moralidade ocorre pela sensibilidade moral que faz o indivíduo se interessar e perceber-se dependente do outro. Como afirma o autor, “Parece-me natural acreditar que quem desenvolve essa capacidade de desvendar elementos morais encobertos o faz porque motivado pelo bem estar alheio, pela simpatia” (LA TAILLE, 2006, p.143).

Nas relações baseadas na simpatia se destaca a valorização do interesse ou direito do outro, trata-se da capacidade e sensibilidade de compartilhar com o outro uma dor que não é sua (La Taille), acreditamos ser fundamental esta dimensão afetiva na constituição da moralidade, como também para o progresso do respeito para com o outro.

Além disso, a partir da expressão da simpatia outros sentimentos podem fomentar e orientar outros comportamentos condizentes com a moral bem como fazer emergir outros sentimentos morais. Por esta razão, perceber esse sentimento moral nas expressões de crianças que ainda estão em processo de desenvolvimento moral é um indicativo positivo em relação a sua formação moral e também de que a criança tem internalizado as regras da escola e da família. Vejamos situação envolvendo relações de simpatia:

*Criança X se levanta e fala para a P1 que o colega não quer dar lanche ao outro colega, a P1 diz : Não se meta! A criança volta ao seu lugar e depois se levanta e tenta solucionar o conflito sobre a divisão do lanche. A P1 reclama novamente, a criança X se afasta, então arrasta sua cadeira para perto de outro colega e começa a brincar.*

A criança da situação acima manifesta em seu comportamento o desejo de ajudar os colegas, além de percebermos que a simpatia orientou sua conduta , podemos inferir que esta criança começa a transpor os limites da heteronomia já que não está agindo segundo o egocentrismo. Outro ponto aspecto importante é que a criança recorre a professora como autoridade capaz de manter a ordem legitimando assim o respeito a essa figura moral, embora esteja evidenciado que a educadora não percebeu e/ou não valorizou esta cena como um acontecimento que poderia ter sido utilizado como estratégia de aprendizagem na formação moral.

### **5.1.1 VERGONHA**

A vergonha é o sentimento que faz com que o indivíduo se sinta julgado a partir do olhar ,do pensamento dos outros. Essa valorização do olhar e julgamento da conduta está atrelada ao nível de importância que o grupo social ou indivíduo e suas regras assumem na vida de um indivíduo (La Taille). Podemos dizer então que a vergonha está, pois, vinculada a controles externos e internos do próprio sujeito.

*- Ô criança Y, tá demais – diz a P2.*

*- Ô criança Y, se você não sentar vou colocar seu nome no quadro com a carinha triste.*

*A criança olha pro quadro que ainda não tem nenhum nome escrito e olha para as outras crianças e senta.*

Na situação acima sentimento de vergonha exerceu o papel de regulador do comportamento, para a criança a possibilidade de ter seu nome exposto em um quadro relacionado a algo negativo (carinha triste) despertou na criança o sentimento da vergonha perante seus colegas ( ainda mais que seria o primeiro e quiçá o único a ter o nome registrado) tão logo ele obedeceu a solicitação da professora. Logo, podemos dizer que o que motivou o cumprimento da regra aqui foi muito mais o sentimento moral despertado do que o respeito a figura da autoridade.

### **5.1.2 OBEDIÊNCIA**

Segundo La Taille e Piaget, a obediência é uma atitude derivada do respeito e amor pela figura de autoridade, nos episódios abaixo registramos as expressões que evidenciam que as crianças se preocupam em seguir as regras sem a necessidade do estímulo do educador. Notamos nas observações que na maioria do tempo as educadoras dedicam boa parte do tempo pedagógico advertindo a criança sobre o cumprimento das regras. Contudo, o que percebemos aqui é a obediência as regras sem a supervisão do educador, demonstrando o respeito às regras e ao educador.

*- Criança W convida a criança Z para brincar. Ela pergunta: - Brincar de que? Tem que falar com a pró. A criança Z vai até a professora e pede, a P1 autoriza, a criança Z então vai brincar com a outra.*

*- Criança V ao ver a P1 ocupada, vem até a mim e pergunta: - Pró, quero beber água.*

**5.1.3 NECESSIDADE DE SANÇÃO-** Expressões Morais coincidentes da criança com as regras da família.

*Criança D brinca com a criança W, de repente a primeira se levanta rapidamente e toca na professora insistentemente e diz: criança W tá cantando música com palavrão. A P1 diz: Eu vi? Eu não ouvi, então não precisa repetir essas palavras na sala. E você criança W cante essas músicas em outro lugar não aqui.*

Embora não tenha ocorrido a punição restritiva (castigo) a P1 puniu de alguma forma a criança W quando fez a advertência e isto por sua vez saciou a necessidade da criança D em regular o comportamento do colega e ao mesmo tempo deu a ela a recompensa por fazer valer a lei, a regra. O mesmo ocorre na cena abaixo:

*Criança F vai até a P1 e se queixa: Criança X ta falando palavrão ali ó. A P1 olha para criança X e diz: eu vou falar a mãe dele.*

Percebemos nas atitudes das crianças a necessidade de reforçar o que é certo e errado mediante pena de punição ou do benefício da recompensa. As crianças ao perceberem uma atitude que vai de encontro a regra, fazem a delação a professora na expectativa que seja aplicada a punição para o infrator. De acordo com a teoria de Piaget, quando ele trata da fase da moral heterônoma, a delação, é um comportamento característico do pensamento infantil porque está vinculado à noção do respeito unilateral e da obediência à autoridade adulta. Assim, entendemos esta expressão coincidentes com as regras da família e também dos docentes pois legitima o docente como figura de autoridade moral, demonstra respeito e reforça as regras.

## **5.2 EXPRESSÕES NÃO COINCIDENTES COM AS REGRAS DA FAMÍLIA E DA ESCOLA.**

Antes de analisar este item se faz necessário enfatizar que a proposta dessa pesquisa é analisar as expressões das crianças diante das regras e por isso não é nossa intenção classificá-las em boas ou ruins. Contudo, todas as expressões elencadas neste item são concebidas a rigor pela sociedade como comportamentos antissociais ou como comportamentos que podem gerar condutas inadequadas. Outrossim, tendo em vista as teorias piagetianas nas quais as crianças de 4 e 5 anos encontram-se na fase da heteronomia e ainda inseridas no processo de desenvolvimento moral, consideramos tais expressões como uma resposta das crianças a uma circunstância, estímulo ou formação seja intencional ou não.

### **5.2.1 TRAPAÇA**

Estas expressões condizem com o egocentrismo, no qual se materializa nas constantes tentativas de a criança realizar seus desejos individuais. A criança tenta transgredir as regras quando a autoridade não está presente, e satisfazer um desejo pessoal está relacionada ao egocentrismo.

*A P1 distribui massa de modelar e avisa que não é para pegar brinquedos. Em seguida, a professora deixa uma funcionária da escola na sala para tomar conta da turma enquanto vai ao sanitário, quando a professora sai, criança X se levanta observando a porta, vai até a mesa dos brinquedos pega um brinquedo e leva para sua mesa, observa a porta, levanta novamente e pega outro brinquedo.*

*Criança Z brinca com a criança D com um jogo de memória. A P1 observa a brincadeira e fala baixinho pra auxiliar que brinquedo é aquele? É o da escola? Então pergunta a criança D quem deu aquele brinquedo a ele, ele aponta para criança Z que diz que o brinquedo não é dela e sim de da criança D. Criança D continua dizendo que o brinquedo é de da criança Z e diz: ela trouxe da casa dela, tava mochila dela e me ela me deu. Criança Z esconde o rosto.*

*A P1 olha para auxiliar e diz: - Lembra daquele brinquedo?*

*A auxiliar responde: - Que brinquedo? Ahhhhh! Tava na mão dela...*

*Professora: Já tem umas semanas a gente procurando esse brinquedo.*

*A professora se levanta e vai em direção aos dois e recolhe o brinquedo.*

*As crianças então passam a brincar com uma moeda.*

*Criança X está sentada afastada dos colegas, sua cadeira está ao lado da mesa da professora, enquanto a organização das cadeiras da sala está disposta em semicírculo. A criança pega a tampinha de refrigerante que esta na mesa da professora sem que esta veja. Arrasta sua cadeira para perto de um colega e começa a brincar com as tampinhas. A P1 percebe e reclama com ela:*

*-Quem deixou você pegar as tampinhas em cima da minha mesa?*

*Criança X: - Eu te pedi e você deixou.*

*A P1 desmente e a criança X continua argumentando:*

*-Oxe professora, você deixou...Mas você deixou...Eu pedi...*

*A P1 manda ela retornar ao lugar e colocar as tampinhas em cima da mesa.*

*No momento da saída da escola, a criança V sobe as escadas e se aproxima do portão, a todo momento tenta passar pelo porteiro em direção a rua. O porteiro então reclama a criança e pede pra ela sair de perto do portão e diz: - Vá esperar lá embaixo. A criança desce e começa a pedir aos alunos maiores que podem sair sozinho para que a levem pra casa ou passem com ela pelo portão. A auxiliar e a professora observam a cena mas não fazem intervenção.*

Podemos perceber no que além de se apropriar de um objeto que não era seu, a criança ainda transfere a responsabilidade da transgressão para outra criança o que também se configura como uma mentira, mentira também que é revelada no episódio VII. Por entender e legitimar a autoridade do educador na sala de aula, a criança se percebe como sujeito da construção dos papéis que constituem essa relação moral. Como já foi dito a criança não é um ser passivo, nos episódios descritos acima as crianças interpretam e ressignificam a sua ação, utilizam do entendimento da sua relação com a autoridade para que a partir disso utilizem a argumentação, mentira ou mesmo da transferência da responsabilidade, e dessa forma possam obter ganhos se isentando da transgressão a regra e ao mesmo tempo demonstrando respeito a figura de autoridade do educador.

### **5.2.2 AUSÊNCIA DE CULPA**

De acordo com La Taille, o sentimento de culpa e amor estaria primeiramente ligado ao sentimento de amor e medo à autoridade e depois ao sentimento de empatia. A culpa em relação à autoridade surgiria em relação a transgressão de uma norma, e a empatia faria a criança se sensibilizar diante do sofrimento de alguém causado por ela. Nos episódios que serão expostos a seguir, percebemos que a punição restritiva, a advertência da professora, a ameaça de conversar com a família sobre a transgressão, não causaram nas crianças o sentimento de culpa. Não percebemos nenhuma demonstração de remorso ou necessidade de reparar o dano causado.

*Criança V se aproxima de mim e diz: -Oi Pró! Você nem sabe meu nome!*

*Eu respondo: - Sei sim, é...*

*Ele: Ahhh mas não sabe o nome todo.*

*Eu: Por quê você ta sentado ali? (cadeira perto da professora)*

*Ele: Porque a Pró me botou.*

*Eu: E por quê a Pró te colocou ali?*

*Ele: Porque eu dei um mortal na sala.*

*Eu: Hummm... e por quê você deu um mortal na sala? Você acha certo fazer isso na sala?*

*Ele: Não,.*

*Eu: E por quê você fez?*

*Ele: porquê eu gosto.*

*Criança V brinca com o dominó no chão e na disputa pelo brinquedo a criança da uma cotovelada no colega que imediatamente se põem a chora. A P1 se aproxima e diz: você vai ficar sozinho, você consegue se socializar. A P1 pede para criança sentar em outro lugar . A turma continua brinquedo, e a criança V senta e começa a brincar com o lápis, para observa os colegas e voltar a brincar com o lápis.*

A criança se mostrava indiferente a sanção e em algumas vezes criava outras estratégias de se manter ativa mesmo sob punição. A ausência de culpa revela indiferença em relação as regras e uma vez que a criança já demonstra certa sensibilidade e sentimentos morais tais como: vergonha e simpatia, entendemos como necessário investigar as causas desta expressão. A priori se faz necessário analisar alguns aspectos da formação moral dispensada pela família e pela escola.

Neste sentido, passamos analisar a dinâmica familiar a partir das fala das famílias. Inicialmente percebemos que as estratégias baseadas na reflexão e diálogo são escassas,em contrapartida a punição aparece como prática parental recorrente



Podemos evidenciar tais argumentos a partir das respostas dadas quando perguntamos as famílias sobre a maneira mais eficaz para fazer com que as crianças seguissem as regras, vejamos a seguir:

### **Família 1**

*Castigo*

### **Família 2**

*Assim, quando eu falo com ele de maneira séria , ele até...entende?*

*Eu falo com ele bem sério, porque quando a gente não enfeza e fala dando risada ele sabe que eu tô brincando e não adianta nada.*

### **Família 3**

*Assim, eu prefiro castigo do que bater.*

Diante do exposto, o castigo aparece como principal alternativa para impor limites e como tentativa de despertar na criança o sentimento de culpa, tanto para pais quanto para educadores.. Manter a criança afastada das demais, ou mantê-las no cantinho do pensamento, no castigo, como única estratégia da formação moral pode ser eficaz e prático inibir comportamentos indesejados porém a longo prazo não educa, nem ensina. A culpa e a vergonha assumem a mesma característica, já que são sentimentos que surgem após o acontecimento de uma ação, vimos nos episódios que o “ficar de castigo” além de não causar culpa também não causa vergonha nas crianças observadas.

Ora, se o castigo não desperta o sentimento de culpa e nem vergonha é certo que o mínimo incômodo que ele cause na criança em algum momento deixará de ter efeito.

Logo, a punição passa a ser muito mais estratégia de conter, de controlar a criança, seus movimentos e comportamentos inadequados do que fazê-la refletir

sobre sua ação. A criança busca a todo instante sair daquele lugar de tédio, está muito mais imbuída em sair daquela situação do que refletir sobre o que aconteceu. Seria necessário fazer a criança entender porque ela está errada, fazê-la perceber o mal que causou a outrem.

Embora este capítulo vise tratar das expressões não coincidentes com as regras da família e da escola, de certa maneira as posturas adotadas por ambas instituições não deixam de reforçar tais expressões.

### 5.2.3 DESAFIO A AUTORIDADE

Mediante a observação da figura 1, podemos perceber que esta foi a expressão que mais reverberou durante as observações. Caracterizamos como desafio a autoridade as expressões das crianças marcadas pelo desafio ou recusa a cumprir ordens ou regras dos adultos. Nas observações em sala, percebemos algumas situações, durante a aula da P2 as crianças ignoravam totalmente a professora e a sua comanda, já com a professora P1 embora eles atendessem suas comandas, a docente tinha que adotar comportamento coercitivo além de se manter sempre em alerta, em constante vigilância para manter as crianças sob sua comanda.

*[...] A professora P2 diz: ô criança V! ah não tô conseguindo contar a história, hoje criança V? Alisson olha pra professora e continua a brincadeira, agora brincando de espada com o colega. João Pedro se levanta e deita em cima da mesa. agora Erick e João Paulo também se envolve na brincadeira, João Paulo senta na mesa..a professora diz: ô João Pedro de novo? então olha para a auxiliar e diz: esse menino é demais né? e continua: ô Joao Pedro, ô Joao Paulo no seu lugar agora! bora Alisson diz: ahhhh! ela diz: ahhhh nada! Alisson continua no mesmo lugar a professora diz: eu não conseguir contar a história. e continua: genteee vocês lembram da história? O que é cooperar? eu posso falar Alisson? presta atenção Jonathan? Os meninos continuam brincando. A Professora diz: eu ia passar um*

*filme, mas desse jeito eu não vou mais. Alisso diz: Por mim e sacode os ombros. A professora pega folhas de papel para que as crianças desenhem.*

O que vemos a partir do episódio acima, é que a autoridade do educador aqui é posta à cheque, sugerindo que sua figura não simbolize para criança amor ou medo, logo a criança não se sente obrigada a seguir as regras. Outro aspecto observado é que a professora tenta a todo o momento um diálogo com as crianças sem se impor de forma autoritária e sem à utilização de práticas educativas coercitivas. Diferente do que acontece nos episódios ocorridos com a professora 1.

*A professora P1 está fazendo o cartão do dia das mães com todas as crianças. A criança está circulando pela sala, a professora pede para Jonathan sentar, a criança permanece em pé se aproxima de outra criança e começa a conversar, a professora pede novamente para ele sentar e ele não senta. Em tom alto a professora olha para a criança e diz: sente e fique calado, estou perdendo tempo porque você está atrapalhando a aula, vai ser o último a sair da sala. A criança então senta na cadeira.*

A partir da comparação entre as práticas educativas das duas professoras podemos dizer, que as crianças observadas tendem a legitimar as comandas e as regras que são oriundas de uma autoridade moral coercitiva e que estas se fazem necessárias para que elas cumpram regras. São inúmeras as possibilidades que podem levar a criança a manifestar essas expressões, contudo iremos nos ater aqui as questões relacionadas a família e a escola.

Conforme expomos no capítulo anterior, nas famílias das crianças observadas prevalecem as práticas coercitivas como estratégia para formação moral destas. Segundo Borges e Maturano (2012) uma criança que no cenário familiar está habituada a se relacionar mediante métodos de coerção, ao ser inserida no espaço escolar continuará agindo assim também com colegas e professores, os autores também apontam que o não cumprimento das regras e normas por uma criança pode ser fator resultante da ausência de regras ou a negligência familiar frente ao não cumprimento das normas.

Imagine uma criança a quem se coloquem poucas proibições morais, poucas normas claras de conduta(...)Quais serão as decorrências de tal educação? Primeiramente, a criança não sentirá o medo da perda do amor dos pais(...)E sem este medo, não temerá perder a estima dos pais quando agir 'imoralmente'. (LA TAILLE apud AQUINO, 1996)

O docente por sua vez, ao utilizar estratégias coercitivas (embora de forma mais amena) como forma de manter sua autoridade e para fazer cumprir as regras, acaba por reproduzir o que já tem feito a família. Diante desse repertório, de castigo, imposição autoritária as regras, a criança ao se deparar com outra forma de lidar com moralidade ( diálogo, construção de regras e reflexão) pode a priori não validar o método tampouco a autoridade moral.

Segundo La Taille , [...] nada é mais letal para moralidade do que sempre lhe atribuir um aspecto negativo, represá-la na proibição e no castigo, interpretá-la como exclusiva imposição de limites para si e para os outros.(LA TAILLE, , p.44)

Outras possíveis causas dessas expressões nas crianças seriam o estímulo de comportamentos indesejáveis, ausência de limites e regras, exposição da criança a modelo comportamentais indesejados para o desenvolvimento moral, a participação da criança em diferentes configurações familiares e conseqüentemente submetida a diferentes regras e modos de lidar com a autoridade moral.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme o que foi exposto até aqui, vimos que as crianças não se limitam as regras que lhe são impostas, mas terminam por resistir, modificar, burlar o que o adulto tenta impor, não apenas como uma manifestação de indisciplina mas também como satisfação de agir conforme sua vontade sem no entanto apresentar culpa ou arrependimento pela ação cometida.

Percebemos nas expressões infantis observadas comportamentos coincidentes com as regras da família e da escola nas quais foram evidenciadas obediência, simpatia e vergonha, contudo, constatamos que as expressões não coincidentes com as regras de ambas as instituições foram preponderantes, sendo o desafio a autoridade a mais recorrente. Consideramos que este resultado se deve as características parentais aqui apresentadas e às suas práticas educativas calcadas na punição e castigo e concomitantemente a função do docente termina por corroborar com as práticas familiares já que também adota a punição como estratégia educativa recorrente sem por outro lado, estimular a criança a refletir, dialogar e construir caminhos que a leve a ultrapassar os limites dessa fase da heteronomia.

Além disso, essa prática, não demanda da criança a valorização das regras e tampouco estimula o respeito a autoridade moral, também não permite que a criança perceba as possíveis consequências dos seus atos e/ou entenda o porquê de estar sendo submetida a uma transgressão. A punição torna-se um condicionante para que a criança siga as regras, em longo prazo a punição já não tem mais sentido e nem surtirá mais o efeito esperado pelo adulto. Assim, a figura moral, seja ela pais ou educadores, paulatinamente vai perdendo o seu papel de autoridade, fortalecendo na criança uma autonomia baseada nos seus padrões de comportamento em detrimento das regras e da existência de uma autoridade moral.

Vimos que na sala de aula as educadoras destinam muito tempo pedagógico para obter o controle das crianças do que para atender os objetivos da sua prática pedagógica. As expressões das crianças não são valorizadas vez que o que

predomina é a forma coercitiva de agir e a crença de que o professor tem o poder para resolver questões tão complexas como da convivência sócio-moral dos alunos. As regras são pensadas e construídas apenas pelo adulto, no qual a participação da criança se reduz ao cumprimento destas. É possível que tal postura se origine da falta de conhecimento das mesmas em relação ao desenvolvimento e as fases da moralidade da infância.

No que tange a escola e a família, não percebemos nenhuma iniciativa das duas instituições no sentido de buscarem cooperação mútua em prol do desenvolvimento das crianças observadas.

A educação de crianças nos dias atuais é tarefa de fundamental importância sendo que nesta fase elas estão desvendando a si e ao mundo. Neste sentido, acreditamos que esta pesquisa nos mostrou a importância valorizar as subjetivas expressões infantis e da desconstrução das relações seja no espaço escolar ou familiar cujo cerne esteja no mundo adultocêntrico. Entendemos que as manifestações infantis indicam, avaliam e revelam os caminhos para que a escola cumpra com seu papel no desenvolvimento moral, onde as expressões de moralidade das crianças sejam consideradas no planejamento das atividades, na organização das atividades relacionadas não somente a formação moral, mas também a outros campos da aprendizagem infantil ( brincadeiras, das linguagens, do tempo, do espaço, dos grupos) a partir de práticas educativas que fomentem o diálogo e a reflexão.

## APÊNDICE A - - Roteiro para entrevista com os educadores

### IDENTIFICAÇÃO

Sexo: ( ) masculino ( ) feminino

Formação: ( ) magistério ( ) pedagogia

outros \_\_\_\_\_

### QUESTÕES NORTEADORAS DA ENTREVISTA

1. Como você avalia o desenvolvimento da moral das crianças que você ensina?
2. Que procedimentos educativos voltados para o desenvolvimentos da moral são utilizados na sala de aula ?
3. Os conflitos em sala de aula são resolvidos apenas pela professora?
4. Em relação ao desenvolvimento moral há cooperação família-escola?  
Explique.

( ) Sim ( ) Não

5. Em relação ao desenvolvimento moral há cooperação entre a gestão escolar e docente do-escola? Exemplifique.

( ) Sim ( ) Não

## APÊNDICE B - - Roteiro para entrevista com os familiares

### QUESTÕES NORTEADORAS DA ENTREVISTA

1. Com quem vive a criança (morando na mesma casa)?  
( ) com os pais    ( ) com os avós    ( ) com tios    ( ) só com a mãe    ( ) só com o pai  
  
( ) por períodos em casas diferentes    ( ) outro: \_\_\_\_\_
  
2. Que pessoas exercem influência na educação da criança?
3. Qual a sua atitude diante de um comportamento de indisciplina da criança ?
4. De que forma você impõe limites a ela?
5. Você costuma prometer /ou dar recompensas (brinquedos, doces, etc), para que a criança se comporte da maneira adequada?  
  
( ) Sim    ( ) Não    ( ) As vezes.
  
6. Para você, qual a forma mais eficaz para que a criança siga as regras e normas segundo os princípios de sua educação?
  
7. Você acha que sua criança aceita e segue facilmente as regras que lhe são estabelecidas? Justifique.  
  
( ) Sim    Não ( )
  
8. Você costumava receber queixas sobre o comportamento de sua criança? Se sim diga qual a sua reação diante disso.  
  
( ) Sim    Não ( )
  
9. Qual a sua avaliação em relação a educação da escola em relação a aprendizagem de regras e normas?



## REFERÊNCIAS

ANDRADE, K. de. **Passando dos Limites: Processos de subjetivação de alunos em situação de risco**. 2009. 155 f. Dissertação (Mestrado) – UFBA, Salvador, 2009. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp091515.pdf>> . Acesso em: 19 maio 2015.

BASSALOBRE, J. N. **A inclusão escolar de crianças procedentes de segmentos marginais, escola e família: um estado de caso**. Educação e Cultura Contemporânea. Rio de Janeiro, maio/jul 2014 v. 11. Disponível em: <<http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/viewFile/403/510>> Acesso em: 18 maio 2015.

CORTELLA, Mario Sergio; LA TAILLE, Yves de. **Nos labirintos da moral**. São Paulo: Papyrus, 2009.

FILHO, A. J. M. **Práticas de socialização entre adultos e crianças, e estas entre si, no interior da creche**. Pro-Posições. São Paulo, jan/abril 2008, V.19. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n1/a14v19n1.pdf>. Acesso em: 20 maio 2015.

FRANZOLOSO, M. R. **Indisciplina e Desenvolvimento moral na Educação Infantil**. Curitiba, 2011. Disponível em: <[http://tede.utp.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=543](http://tede.utp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=543)> Acesso em: 18 maio 2015

GOMIDE, Paula Inez Cunha. PRUST, Laísa Weber. **Relação entre comportamento moral dos pais e dos filhos adolescentes**. Estud. psicol. (Campinas) [online]. 2007, vol.24, n.1, pp.53-60. Disponível em : <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v24n1/v24n1a06.pdf> acesso em 17/05 as 05:22

\_\_\_\_\_. Pais presentes, pais ausentes: regras e limites  
.Petrópolis: Vozes, 2004.

LA TAILLE, Yves de. **Moral e Ética: dimensões intelectuais e afetivas**. - Dados eletrônicos. - Porto Alegre :Artrned, 2007.

LA TAILLE, Yves de **.A dimensão ética na obra de Piaget**. Série Ideias n. 20. São Paulo: FDE, 1994.p. 75-82.

LA TAILLE, Yves de. OLIVEIRA, Martha Kohl de, DANTAS, Heloisa. **PIAGET, VYGOTSKY E WALLON. Teorias Psicogenéticas em discussão.** 19ª edição. Summus editorial. São Paulo. 1992

LAURO. B.R. **Repensando a Infância em sua multiplicidade.** Revista da FAEEBA. Salvador, jan /jun 2009. n.31. Disponível em:<<http://www.uneb.br/revistadafaeeba/files/2011/05/numero31.pdf>> Acesso em: 23 maio 2015.

MARTINS. MARIA CRISTINA. **“Crianças Cruas” Refletindo sobre a infância, poder e exclusão no cotidiano da creche.** Revista da FAEEBA. Salvador, jan/jun 2009. n.31. Disponível em:<<http://www.uneb.br/revistadafaeeba/files/2011/05/numero31.pdf>>Acesso em: 19 maio 2015.

MINAYO, M. C. S.(Org.).**Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2001

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa crítica e multireferencial nas ciências humanas e na educação.** Salvador: EDUFBA, 2009.

OLIVEIRA, S. deR.; SOARES, F. L. **A construção dos limites na educação infantil: compassos e descompassos entre o dizer e fazer.** Revista Lugares da Educação. PARAÍBA, 2012.1. Nº 4. Disponível em :<<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rle/article/view/15422/8794>> Acesso em: 23 maio 2015.

PANISSET. M. L. M.**Vivendo e Aprendendo em duas pré-escolas no Brasil: As concepções de Pedagogia de crianças pequenas que vivem na pobreza.** In: CRUZ, S. H. V. A Crianças fala: escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008. p. 293-297.

PATIAS, N. D. ; SIQUEIRA, A. C.; DIAS, A. C. G. **Bater não educa ninguém! Práticas Educativas Parentais coercitivas e suas repercussões no contexto escolar.** Educação e Pesquisa. São Paulo, Out/Dez. 2012. Nº 4. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-7022012000400013&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-7022012000400013&script=sci_arttext)>Acesso em: 23 maio 2015.

**Referencial curricular nacional para a educação infantil /**Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il. Volume 1: Introdução; volume 2: Formação pessoal e social; volume 3: Conhecimento de mundo.

SILVA, A. T. B.; MARIANO, M. L.; LOUREIRO, S. R.; BONACCORSI, C. **Contexto Escolar: práticas educativas do professor, comportamento e habilidades sociais infantis**. Revista Semestral da Associação de Psicologia Escolar. São Paulo, julho/dez. 2013. Nº 2. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pee/v17n2/v17n2a08.pdf>. ACESSO EM: 17 MAIO 2015.

VINHA, Telma Pileggi. **O educador e a moralidade infantil numa perspectiva construtivista**. Revista do Cogeime nº 14 Julho/99, PG. 38, 1999. Disponível em : <HTTP://WWW.COGEIME.ORG.BR/REVISTA/CAP0214.PDF> Acesso em 14 ABRIL 2016.